

## HISTORIADOR E EDUCAÇÃO DOS SENTIMENTOS

SILVA, Marcos Antônio da. *Prazer e Poder do Amigo da Onça — 1943-1962*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 305 p. 60 figs.

*Res. por Pedro Paulo Abreu Funari<sup>1</sup>*

A publicação da tese de doutoramento (USP, 1984) de Marcos Antonio da Silva permite que esta importante contribuição para o conhecimento da História do Brasil recente, mais especificamente de parte de sua produção artística, atinja um público mais amplo. A primeira impressão causada pelo volume refere-se, sem dúvida, à sua boa apresentação gráfica, pois, além de uma capa bem-cuidada, o leitor depara-se com uma coletânea de 72 páginas de ilustrações (p. 233-305). Ainda em termos formais, caberia ressaltar que o sumário do texto e a estimulante apresentação do Prof. Leon Kossovitch impulsionam à leitura integral do livro.

O sumário da obra já deixa entrever algumas características do texto, em particular, sua criatividade. Assim, num estudo do personagem "O Amigo da Onça", de Péricles Maranhão (1943-1962), chama a atenção a presença de capítulos sugestivamente intitulados "Derrotando o outro" (p. 45-54) ou "Ser homem" (p. 91-104), enquanto a introdução "Lembranças e Desejos" (p. 15-19) e a conclusão "Detritos federais — o outro ao infinito" (p. 206-220) apontam para uma saudável ruptura com a rigidez formal. Logo à página 16, o autor expõe o objetivo de seu trabalho: "contribuir para sua localização na produção humorística e plástica brasileira e esboçar aquelas articulações a partir de uma problematização histórica de sentimentos e vontades trabalhados na produção do personagem". Ainda nestas primeiras páginas, pode-se apreciar a presença do

1 Departamento de História da ILHP de Assis da UNESP.

autor não apenas na escolha dos lemas, na sua elaboração, como na própria enunciação de sua subjetividade. E agradável saber que foi um envolvimento pessoal que conduziu Marcos da Silva ao estudo do personagem e, assim, podemos sentir bem à vontade na leitura do texto. Sua afirmação de que "senti-me atraído... em parte... pelo critério do prazer que o Amigo da Onça provoca em mim, com as atrações sacanas que possibilitam a formação do poder" (p. 18) cria uma interessante relação empática entre autor e leitor.

A leitura do texto propriamente dito corre tão leve que, quando se dá conta, se chegou à bibliografia. À parte sua clareza, deve-se ressaltar que uma idéia puxa a outra e que o autor consegue tecer um quadro sucessivamente mais completo, o que não deixa de aproximá-lo, de maneira muito sugestiva, da ficção. Esta virtude da narrativa literária, representada na geração de uma *vontade* de ir-se até o fim da leitura, pouco usual na produção acadêmica, encontra nesta obra um exemplo de como mesmo uma *lese* pode suscitar esses *desejos e fruções* no leitor. Metodologicamente, considero este um dos grandes méritos da obra, pois o autor soube construir seu discurso como obra assinada (daí a introdução da subjetividade do autor), na qual, o leitor é copartícipe do prazer. Ainda que apenas a leitura integral possibilite fruir completamente essa característica textual, a transcrição do último parágrafo permite saborear a força da relação empática gerada pela narrativa de Marcos da Silva:

"Talvez, junto com nossa boa consciência, sejamos também terríveis, antiéticos, más criaturas, Amigos da Onça. Assumindo mais esses vieses, não nos veremos mais completamente?" (p. 220).

Em outro sentido, chama atenção o rigor científico do autor, em particular, no que se refere à documentação e à produção acadêmica consultada. Além das fontes básicas da sua pesquisa — todas as publicações, na imprensa, de O Amigo da Onça —, o autor consultou jornais, revistas e produções artísticas paralelas, em particular, referentes ao Mineirinho, ao Dr. Macarra, à produção porno-erótica de Carlos Zéfiro e ao Pererê. Ao incluir os registros infantil (p. 188-193) e pornográfico (p. 136-154) da produção artística do período tratado, Marcos da Silva contextualizou a construção das imagens dos papéis sociais imperantes no imaginário popular. A ontologia da masculinidade (p. 91-104), da feminilidade (p. 105-119) e da infância (p. 155-187), tal como refletidos nas histórias do Onça, permite resgatar uma faceta pouco explorada da brasilidade, conceito abstrato que se expressa concretamente em *homens, mulheres e crianças*. Estudar-se "como se faz a cabeça" dessas gerações de brasileiros

(nossos avós, nossos pais e nós mesmos) a nível monográfico, constitui uma contribuição notável desta tese, demonstrando, ao mesmo tempo, como a dissertação acadêmica pode aproveitar sua especificidade como micro-análise para tratar de questões de relevância e interesse geral.

No que tange à produção acadêmica utilizada, duas características chamaram minha atenção. Em primeiro lugar, o uso de teses e dissertações inéditas e não apenas de História, representa, por si só, um feito importante, tendo-se em vista as dificuldades de acesso a essa produção. O autor soube, além disso, aproveitar-se da mesma para entrecruzar sua análise do Onça com estudos correlatos como, por exemplo, sobre a chanchada (Miguel W. Chaia) ou sobre o IDORT (M. Antonieta M. Antonacci). Em seguida, a consulta bibliográfica do autor não se restringiu aos depoimentos, teorias e estudos de história (36% dos títulos citados), mas privilegiou, também, abordagens tão importantes como artes, linguagens e cultura (45%) e teorias, análises e veículos humorísticos (18%). Este rigor bibliográfico permitiu ao autor embasar sólidamente sua criatividade e discutir de forma, a um só tempo, original e bem fundamentada, uma série de questões capitais, tais como a relação entre o controle do prazer e do poder, a sexualidade e a estética da linguagem visual.

Este último aspecto interessa-me particularmente pois, tendo percorrido um trajeto próprio no estudo das expressões estéticas populares romanas, pude constatar como documentações e referências metodológicas diversas podem ser relacionadas proveitosamente. Assim, a nível mais geral, Marcos da Silva, propõe à página 55 uma dupla atitude que merece um comentário particular:

"Ao longo deste trabalho, descrevo os desenhos, inclusive os reproduzidos, procurando explicitar o que minha interpretação destaca de cada situação... adoto este procedimento para destacar a tarefa sem fim da interpretação, convidando o leitor a trazer suas contribuições" .

Trata-se de descrever, verbalmente, as imagens e propor uma participação ativa do leitor. Quanto à primeira proposta, de intervenção subjetiva do pesquisador, seria interessante lembrar como Nancy F. Partner<sup>2</sup> caracterizou, recentemente, o historiador como um tradutor de imagens: "a tradução de um conjunto de termos para outro é uma definição básica da exploração histórica, É nestas traduções de uma linguagem originária para uma outra mais usual, que a História é mais essencialmente semiótica". Numa abordagem marxista do final

2 Daughter of earth/ sons of heaven: signs and things in History. *Semiotica*, v. 59, a. 3/4, p. 254, 1986.

dos anos SO, a introdução do leitor como uma outra subjetividade capaz, igual em e, de construir sua própria tradução, responde à preocupação de não se constatar "verdades", mas de se interpretar subjetivamente a realidade: "a verificação não é lógica, mas sócio-lógica, e é afetada através da realidade social"<sup>3</sup>.

Esta construção discursiva, esse quadro pintado pelo narrador do texto histórico, não é apenas subjetivo e assinado, como representa um engajamento estético, tanto por parte do autor quanto do leitor e do criador analisado, ambos também autores. Isto significa que a história, enquanto arte engajada, é um meio de *educação*. Neste sentido, a contribuição do pensamento alemão contemporâneo pode ajudar a ampliar os horizontes corriqueiros das reflexões a respeito. Karl Acham, em seu "Historicidade e generalização, sobre o papel do historiador na teoria das Ciências Sociais"<sup>4</sup>, constata que "na medida em que a História, entre outras funções, leva a cabo uma *educação* dos sentimentos, no sentido amplo da palavra, o escrever História, enquanto uma Arte baseada em conhecimentos, não pode deixar de constituir-se como um meio de representação narrativa" (grifo acrescentado). Essa educação através da arte do historiar, funda-se num engajamento *subjetivo do narrador*, como advertira Max Bense ao afirmar que "não existe Literatura engajada, apenas escritores engajados"<sup>5</sup>. A definição do artista historiador como *Schriftsteller*<sup>6</sup> (contador de histórias) restituiu uma compatibilidade entre analista (Marcos da Silva) e analisado (Péricles Maranhão) indispensável para entender a relação entre o poder e o prazer do Amigo da Onça nos autores diretos (Marcos da Silva e Péricles Maranhão) e indiretos (leitores) do texto. Retornando a Max Bense, gostaria de concluir esta breve resenha lembrando, apropriadamente, que um bom escritor engajado, como Marcos da Silva, não produz obras engajadas "o que não exclui que uma obra de arte altere o mundo de modo mais decisivo que o próprio artista"<sup>7</sup>.

3 LAGOPOULOS, Alexandros-Phaidon. Semiotics and History: a marxist approach, *Semiotica*, v. 59, n. 3/4, p. 219, 1986.

4 Em KOCKA, Jürgen, NIPPERDEY, Thoman. *Der Geschichte*. Munique: DTV, 1979, p. 153-221; a citação reportada provém da página 153.

5 *Artistik und Engagement. Presentation asthetischer Objekte*. Berlim: Keipenheuer und Witsch, 1970, p. 175.

6 Veja-se o estudo de BENJAMIN, Walter sobre a obra de LESKOV, Nikolai em seus *Illuminationes*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969, intitulado "O *Schriftsteller*: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov",

7 *Ob. cit.* p. 175.